



Antônia Lopes dos Santos Filha*

RESUMO

O presente trabalho objetiva mostrar as razões e como acontecem às variações na linguagem e a sua necessária adaptação ao contexto sócio-comunicacional. Com base em teorias sociolinguísticas de renomados autores como: Bagno (1999; 2001; 2003; 2004), Preti (2000) e Monteiro (2000), fora realizada uma análise qualitativa e quantitativa sobre os eventos linguísticos ocorridos entre doze jovens de quinze a vinte e cinco anos com nível médio de escolaridade, no segmento religioso protestante em Teresina-PI, confirmando, assim, uma necessária adaptação da linguagem ao contexto no qual é proferida para que ocorra comunicação eficaz.

Palavras-chave: Variações. Heterogeneidade linguística. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

This work presents aims to show why and how changes occur in the language and its necessary adaptation to the socio-communicational. Based on sociolinguistic theories of renowned authors as: Bagno (1999, 2001, 2003, 2004), Preti (2000) and Monteiro (2000), carried out a qualitative and quantitative analysis on the linguistic events occurring between twelve young people from fifteen to twenty-five years average level of schooling, the protestant religious segment in Teresina-PI, confirming a necessary adaptation of language to the context in which it occurs is given to effective communication.

Keywords: Variations. Linguistic heterogeneity. Linguistic prejudice.

1 INTRODUÇÃO

A proposta de realização deste trabalho visa mostrar o comportamento linguístico no segmento religioso protestante, tendo por base o método de ensino desenvolvido, as formas de adequação linguística segundo o contexto social do grupo, mostrando a ocorrência de sua heterogeneidade linguística.

Assim, será avalizado o grau de entendimento, compreensão e os meios que um grupo religioso protestante detém para se relacionar linguisticamente, verificando o nível sociointeracional linguístico, o grau de compreensão e conhecimento linguístico adquirido por

* Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI

seus membros, analisando, também, o impacto dos eventos extralinguísticos nas variações que ocorrem entre os integrantes do grupo.

De forma clara e objetiva será exposta a funcionalidade e a maneira como o grupo se utiliza da linguagem para atingir seu objetivo, mesmo havendo diversos fatores que contribuem para que ocorram variações linguísticas, confirmando que para haver efetividade quanto ao entendimento do ensino doutrinário são necessárias adaptações na linguagem e a impossibilidade de ser o grupo linguisticamente homogêneo.

É objetivo deste estudo, abordar a questão sobre o fato de o grupo fazer uso do meio de comunicação, a língua, para a realização de sua atividade de pregação da palavra de Deus; o estilo de linguagem que atende às necessidades e capacidades dos ouvintes e os eventos extralinguísticos que ocorrem no contexto social, contribuindo para que haja adequação linguística.

Através da análise qualitativa e quantitativa dos eventos linguísticos, utilizando-se de um *corpus* constituído por respostas dadas a partir de um pesquisa de campo, cujo instrumento utilizado, um questionário com perguntas sobre sociolinguística, aplicado em duas etapas, a doze pessoas, entre homens e mulheres, cuja idade varia entre quinze a vinte e cinco anos, com nível médio de escolaridade, tendo em vista que os participantes atendem às expectativas do propósito estabelecido neste trabalho, procurou-se deduzir como e por que ocorrem as diferentes formas de expressão oral que faz com que os indivíduos se adaptem linguisticamente segundo o contexto da comunicação.

Este trabalho procura oferecer subsídios que promova uma reflexão crítica quanto ao aspecto linguístico decorrido em meio a este grupo social como forma de conhecimento e entendimento da causa de seu considerável crescimento na sociedade brasileira.

Para tanto, discutiu-se sobre o uso das variações linguísticas que se estabelecem no contexto social, adequando as situações às mudanças estabelecidas linguisticamente por cada indivíduo.

2 O USO SOCIAL DAS VARIAÇÕES EXISTENTES NA LINGUAGEM

Tradicionalmente, o estudo da linguagem, antes do surgimento da ciência linguística, limitava-se apenas ao estudo da gramática normativa. Somente a partir do século XX a linguística começa a dar novos rumos aos estudos da linguagem em uma perspectiva discursiva daquilo que é objeto principal para a realização da comunicação verbal entre os

homens – a língua – “*A Linguística definiu-se, com bastante sucesso, entre as Ciências Humanas, como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana*” (ORLANDI, 2003, p.9).

Desta forma, desenvolveu-se abordagem sociolinguística em 1960 liderada por William Labov.

A análise da linguística na perspectiva Sociolinguística é feita pelo uso da língua em situação real, considerando os aspectos socioculturais na sua produção. Não é uma estrutura autônoma por que depende do contexto sociointeracional dos seus falantes e é de caráter adaptativo, pois para a sua análise há de se considerar a contextualização dos fatores linguísticos e extralinguísticos que possibilitam ou não o seu uso. Assim, as variações e as mudanças linguísticas fazem parte da análise sociolinguística, uma vez que são fatores próprios na utilização da língua.

3 A (CON)VIVÊNCIA SOCIAL

Como o uso da linguagem necessita de pessoas que a utilizem e isto em situações sociais de interação, pode-se caracterizar uma sociedade relacionando diversos componentes que contribuem para a sua identificação e contextualização tais como: cultura, religião, etnia, valores, linguagem, etc.

Contudo, entender a sua organização, a princípio, nos remonta na busca pela compreensão de que todo grupo social interage regularmente com base nas exigências comportamentais de seus integrantes. Daí a existência do antagonismo social uma vez que cada indivíduo possui uma conduta que lhe é peculiar.

Dentre os componentes produtos da interação humana, a língua, objeto de estudo em questão, possui valor expressivo não só por ser o meio pelo qual os indivíduos se expressam e se comunicam pelos símbolos verbais, mas também por moldar e estruturar suas experiências individuais.

Desta forma, as interações comunicativas acontecem moldurando-se de acordo com cada contexto, já que essa formulação varia em diversos ambientes situacionais.

Na organização social o processo de estruturação da sociedade estabelece permissões e restrições do que é possível para a vida social. Surgem, assim, grupos e status do qual o indivíduo fará parte. Uma vez estruturado, cada grupo se organizará buscando uma forma de vida regular que corresponda às expectativas de todos. Assim, cada pessoa assume

um papel fixo nesse padrão de conduta. Nas interrelações comunicativas essa conduta se apresenta de igual forma, pois para cada grupo existirá uma maneira diferente de expressão verbal. Bagno (1999, p. 47- 48) afirma que: “Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades”.

Toda relação humana, consiste em ser determinada, necessária e independente de subjetividade e em algum momento essas interrelações podem sofrer modificações, até mesmo dentro dos grupos, ocorrendo, desta forma, um processo de transformação quanto ao ato de comunicação, constituindo e edificando uma nova categoria de variável linguística.

Quando se afirma a determinação, necessidade e independência do querer individual no uso da linguagem pretendem-se enfatizar a complexidade e importância que essa modalidade possui para que aconteça a comunicação e, conseqüentemente, uma ação comunicativa efetiva, ou seja, um entendimento entre emissor e receptor da mensagem.

Daí, as transformações ocorridas na linguagem de um grupo constituir, categoricamente, um processo de apropriação vislumbrada pelos indivíduos para manterem suas relações e, à medida que necessário manifestarem-se coerentemente em outros contextos, uma vez que eles se utilizam de meios que facilitem e os possibilitem exercer tal atividade com coerência.

Vê-se aqui, a importância da linguagem nas relações interpessoais, pois à medida que os grupos dela se apropriam para manterem comunicação, todas as demais categorias desta relação se interligam e consolidam suas estruturas. Todavia, o que se pode perceber é uma realidade linguística social, que ainda sofre grandes limitações, quanto ao acesso e uso desta, visto que são feitas às pessoas imposições e restrições surreais quanto ao uso da linguagem, pois o que é encontrado, principalmente nas escolas, é uma cultura ainda bastante arraigada de um grande equívoco no que se refere ao ensino de língua, sendo este entendido como ensino de gramática normativa, o que inviabiliza cada vez mais a aceitação das diversidades linguísticas.

3.1 Mudanças necessárias

É inegável que em todo o meio social existem regras de conduta comportamentais, portanto, é também inegável que para haver harmonia entre os indivíduos é

necessário que haja um consenso entre os mesmos quanto ao condicionamento comportamental individual.

Toda e qualquer imposição linguística quando se trata de um grupo tem que ser levada em conta às variações predominantes naquele meio, pois cada indivíduo, particularmente, possui uma maneira própria para se expressar, ou seja, de acordo com a sua idade, sexo, grau de instrução e o contexto ao qual está inserido, é condicionado a utilizar dessas variações, o que as torna adequadas e coerentes nas situações em que são proferidas.

Precisa-se entender, ainda, que toda língua passa por um processo de mudança diacrônica e variação diatópica, tornando-a diferente a todo o momento. *“A língua que falamos hoje no Brasil é diferente do que era falado aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos e quatrocentos anos!”* (BAGNO, 2004, p. 22).

Nesse sentido, pode-se dizer que a língua possui um caráter de dinamização, frustrando a ideia dos que buscam torná-la única e que negam o fenômeno da variação linguística pela imposição da norma-padrão como modelo ideal que deve ser utilizada, o que, não é, nem mesmo pelos falantes considerados cultos.

Muitos são os fatores extralinguísticos que ocorrem dentro dos mais diversos segmentos sociais e que podem ser de ordem sociológica: idade, sexo e nível de escolaridade, os quais muitas vezes marcam a linguagem individual e também de ordem contextual que determinam a linguagem do locutor em detrimento ao público ouvinte, o lugar em que se fazem presentes e a relação que une os interlocutores, tais fatores precisam ser observados de forma a tornar flexíveis determinadas regras de comportamento.

Assim, a função da língua no meio social vai além de uma mera casualidade, tornando-a essencial no processo interacional entre os indivíduos que dela se dispõem para sua participação na sociedade, pois a dicotomia língua/sociedade é o que determina as relações sociais estabelecidas no processo sociointeracional, tornando indiscutível a interdependência entre as mesmas.

Os grupos sociais, em geral, possuem um falar próprio, que lhes são característicos e lhes possibilitam uma compreensão mútua no processo interacional. Contudo, no segmento religioso protestante não podia ser diferente, visto ser estabelecida esta linguagem como meio comunicacional em contradição à norma-padrão de linguagem imposta e preponderante em determinada comunidade.

Uma das características mais proeminentes da pregação reformada é o assim chamado plain style, o estilo simples, claro e direto. ...tanto os reformadores como os puritanos rejeitaram deliberadamente a oratória clássica, o estilo pomposo e elaborado de discursar, o uso premeditado de frases de efeito, rimas e coisas do gênero, em prol de um estilo que Calvino chama de familière (familiar, pessoal) e os puritanos de “estilo crucificado” (ANGLADA, 2005, p. 171).

A língua precisa passar por um processo de escolha diante das variações existentes de forma tal que se adeque ao contexto em que ocorre a comunicação (ANGLADA, 2005, apud, SPURGEON, 1997, p. 216), caracterizando a pregação de Lutero e Calvino diz:

...eles não expressavam a doutrina com palavras difíceis, mas esforçavam-se com todo empenho para falar de modo que o lavrador simples do campo e a esposa do pescador pudessem compreender a verdade. Eles não almejavam frases elaboradas e eloquência de discurso; eles desprezavam a retórica...

Diante disto, observa-se que mesmo existindo uma concepção tradicional e oficial de norma-padrão de linguagem incorporada numa sociedade, os grupos sociais em meio às diversidades comportamentais linguísticas, mostram que nem sempre se podem seguir regras pré-estabelecidas relativas à linguagem, pois nas relações sociais prevalece a melhor maneira que os indivíduos determinam para o processo de compreensão linguística, passando a existência de normas sociais condicionantes e não determinantes do comportamento linguístico.

Como se torna difícil uma definição para um dialeto apropriado entre o culto e popular, tanto na estrutura morfosintática quanto lexical, pois pode haver ocorrência de ambas tanto em um como no outro contexto, o ideal é que se encontre uma forma que seja intermediária entre os mesmos, com isso, pode haver uma mescla entre estes dialetos sem prejuízo ou falha na comunicação.

Levando-se em conta as características que apresenta a linguagem culta como “correta”, “bonita”, “ideal”, “um modelo a ser seguido”, percebe-se sua oposição e limitação diante da linguagem popular que mesmo estigmatizada e considerada como deturpada, usada pelos que “não sabem a língua” é “mais aberta às transformações da linguagem oral do povo”.

Propõe-se a partir daí uma discussão quanto aos modelos teóricos que discutem a variação linguística apenas como algo ocasional. Para esta afirmativa, o estudo da variável segundo a situação, ou seja, fatores que determinarão a fala do locutor, não seriam considerados objeto de estudo da sociolinguística, mas esta se coloca em posição

completamente contrária, por que é a própria atividade de comunicação linguística que pressupõe as variações, portanto, a sua não ocorrência é que precisaria ser explicado.

4 NORMAS LINGUÍSTICAS PRÉ-ESTABELECIDAS

Com a criação da disciplina gramática, por volta do século III a.C, surge no campo de ensino referente à língua o equívoco predominante até aos dias atuais de que o indivíduo comete erros ao se expressar na sua língua materna.

Estabeleceu-se e foram cultivadas a partir daí regras, normas pré-estabelecidas que foram catalogadas para que sejam seguidas fidedignamente por todo e qualquer indivíduo a fim de serem considerados falantes proficientes de sua língua.

Por isso, tudo que é dito e que foge às regras de conduta linguística eloquente é denominado erro, uma violação ao conservadorismo tradicional de linguagem culta.

Um conceito preconceituoso que ao longo dos tempos vem sendo disseminado e impregnado no seio social, por alguns poucos possuidores do poder, num processo histórico social, que não passa de uma ideologia discriminatória se se levar em consideração o uso prático da língua em um processo de interação social e isso com todas as interferências ocorridas entre os seus usuários.

Tais preconceitos vão desde o que fala à maneira como fala cada pessoa. O que para um país de grande extensão territorial como o Brasil e que sofreu desde a sua colonização muitas influências linguísticas é intolerável, por não se perceber as muitas diferenças existentes entre cada grupo social e isso independente de qual região essas pessoas façam parte.

A realidade linguística em meio à sociedade brasileira ainda constitui alvo real desses preconceitos, visto ser ela quase sempre motivo de discriminação e exclusão de indivíduos que não seguem regras e normas linguísticas pré-estabelecidas por aqueles que ocupam a camada social de prestígio, e que têm como manual a ser seguido à gramática normativa que por sua vez “passou a ser instrumento de poder e controle”, pois todos devem segui-la sob pena de não serem reconhecidos como indivíduos conhecedores de sua língua materna. O que não está na gramática normativa “não é português”. E os compêndios gramaticais se transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca para não se cometer nenhuma “heresia” (BAGNO, 1999, p. 64).

Admitir tamanha autoridade à gramática normativa é reconhecer sua superioridade perante a língua criando a ilusão de que para se falar bem é preciso ter um bom grau de conhecimento da mesma, ou seja, “é competência suficiente para a inserção do indivíduo na categoria dos que podem falar, dos que sabem falar, dos que têm direito à palavra” (BAGNO, 2001, p. 9) e, conseqüentemente, excluir a possibilidade de liberdade expressiva entre os indivíduos, incorrendo no “mito da língua única” que, no entanto, não passa de “uma idéia falsa, sem correspondente na realidade”, sem nenhum fundamento científico que comprove a sua existência. Como também concluir que de fato existe um modelo padrão de língua a ser seguido, isto é, negar a dinamicidade da língua e tornar irrelevante a variável das quais os grupos se dispõem como meio de melhor compreensão entre os mesmos, uma vez que estas atendem as suas necessidades linguísticas.

É constante, ao que se refere à linguagem, a busca pelo ideal e perfeição, porém, aceitar tal concepção é não entender a riqueza linguística constante no meio social, pois seguindo esta linha de raciocínio, Bagno (2001) afirma que é possível para todo falante nativo de uma língua expressar-se de forma natural e eficaz, e, ainda, atribuir à grande parcela desta sociedade o estigma de que sejam ignorantes, isto é, pessoas inabilitadas a se expressarem em sua língua materna.

Percebe-se, assim, o quanto é necessária à compreensão de que todo indivíduo é perfeitamente habilitado a expressar-se linguisticamente em sua língua materna, ou melhor, deve-se entender que quando se trata de expressão linguística todo indivíduo é capaz, mesmo havendo limitações.

Portanto, não se podem desprezar as variáveis linguísticas, pois elas se constituem no processo interacional entre os grupos, tornando-os linguisticamente heterogêneos.

5 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

A dicotomia estabelecida entre o falar criativo de cada indivíduo e a sua necessidade de comunicação e interação em meio ao grupo em que atua propõe-se um equilíbrio entre a norma linguística vigente na sociedade e as diversas variações que podem ser encontradas nas falas de cada indivíduo.

Nesta linha de raciocínio Preti (2000, p. 48) posiciona-se da seguinte forma:

(...) Ambas, mantendo-se, abrem concessões mútuas, de tal forma que o indivíduo sacrifica sua criatividade, em função de uma necessidade

comunicativa, enquadrando-se, inconscientemente, na linguagem do grupo em que atua; a comunidade, por seu turno, admitindo a criação individual, incorpora hábitos lingüísticos originais que atualizam os processos de fala coletiva, e evolui naturalmente, procurando uma melhor forma de comunicação.

Assim sendo, a flexibilidade em ambos os lados deve existir. E mais uma vez aqui se vê a fragilidade de toda e qualquer imposição da linguagem, visto serem necessárias adaptações da língua para que ocorra integração e aceitação entre os membros de uma comunidade.

Pensar em uma uniformidade lingüística requer compreender que em determinado ponto as normas pré-estabelecidas se interligam às diversidades produzidas pelos seus falantes promovendo, com isso, um processo de escolha diante das várias possibilidades de formas adequadas e convenientes de expressão, isto é, fica definida entre os membros de uma sociedade a melhor forma para que os mesmos possam comunicar-se, assim, acabam por fixar normas lingüísticas que atenderão ao grupo de maneira satisfatória.

Para tanto, em cada contexto comunicacional é utilizada uma linguagem que se adapte à circunstância, caracterizando, assim, a dinamicidade social da língua.

No entanto, não se pode afirmar a homogeneidade da linguagem em um grupo, pois mesmo que exista certo nível de conformidade quanto aos fatores normativos determinantes da língua e o seu uso em meio à coletividade, cada indivíduo possui uma forma que lhe é peculiar e própria de linguagem e este é influenciado por diversos fatores, o que não o permitirá articulá-la de forma única e constante.

Nesta perspectiva, pode-se inferir que a homogeneidade dentro de um grupo social não ocorre devido a muitas manifestações lingüísticas existentes no mesmo.

O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico (BAGNO, 1999, p. 52).

Assim, o fenômeno da variação inviabiliza um mesmo falar nas mais diversas circunstâncias, ou seja, o que existe é a possibilidade de múltiplas ocorrências de conhecimentos e compreensões em níveis variados entre os membros de um dado grupo, pois cada um em sua particularidade tem uma maneira própria de desenvolver sua habilidade lingüística.

6 RESULTADO DA PESQUISA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi constituída em dois momentos: primeiro, foram realizadas leituras sobre posturas teóricas relacionadas ao tema sociolinguística de escritores já mencionados anteriormente, para que houvesse um embasamento fundamentado cientificamente; segundo, desenvolveu-se uma pesquisa e análise qualitativa e quantitativa sobre os eventos linguísticos ocorridos no segmento religioso protestante, com apreensão de dados por meio de pesquisa de campo e questionário sociolinguístico aplicado em duas etapas, a doze pessoas, entre homens e mulheres, cuja idade varia entre quinze a vinte e cinco anos, com nível médio de escolaridade, entendendo que, segundo suas descrições, possuem o perfil de interesse para esta análise e assim procurou-se deduzir como e por que ocorrem as diferentes formas de expressão oral que faz com que os indivíduos se adaptem linguisticamente segundo o contexto da comunicação.

De acordo com estes critérios de escolha estabelecidos, a pesquisa fora realizada com o grupo aplicando-se um questionário com dez perguntas, o mesmo em duas etapas, de forma a proporcionar uma visão mais clara sobre o entendimento destas pessoas quanto ao objeto da pesquisa, no entanto, para efeito de descrição e visão compacta do trabalho constituído, serão considerados os aspectos mais relevantes que atendem seu objetivo e expostas apenas quatro das perguntas e respectivos resultados.

1. Na sua opinião, ter instrução escolar é sinônimo de falar e escrever bem?

Na fase inicial, o equivalente a 50% respondeu que sim e os outros 50% responderam não, mostrou-se, com isso, um equilíbrio quanto às divergências de opiniões emitidas, o que pode evidenciar certo nível de esclarecimento quanto ao ato de fala e escrita. Na fase final, 75% responderam que não e 16,7% responderam que sim e 8,3% não emitiu resposta, no entanto é notório que o grupo respondeu aquilo que era esperado quanto a sua compreensão, uma vez que se entende que toda e qualquer manifestação linguística é fundamentada cientificamente na formação da própria língua portuguesa. Ou seja, pode-se observar também que ainda que tenhamos uma educação pautada nos princípios de ensino de língua, considerando os padrões de norma culta desta língua, os indivíduos mantêm uma comunicação oral manifesta por variações diversas que lhes são reveladas no contexto situacional, entendendo isso, o grupo pesquisado pode revelar em suas respostas a quebra de

um paradigma imposto socialmente e que desconsidera no ato da comunicação a individualidade e as organizações dos grupos para manterem uma comunicação eficaz.

2. É preciso saber gramática normativa para falar bem?

Na fase inicial, 33,33% disseram não e 66,67% disseram que sim, o que mostra que muitos mantêm incutidos em mente a ideia conservadora do ensino gramatical como sendo primordial para o aprendizado da língua materna. Já na fase final, 75% disseram que não e 25% disseram que sim. Com isso, percebeu-se o grau de maturidade do grupo quanto à quebra do paradigma conservador do ensino de normas gramaticais que apesar de, em regra geral, se apresentar como um ensino tradicional, ou seja, como fórmulas prontas a serem seguidas, elas contradizem a realidade linguística vivenciada pelos mesmos. E ainda, fora compreendido pelo grupo a dinamicidade que apresenta a língua, desmistificando a ideia de conhecimento gramatical para manter compreensão do ato de comunicação, entendendo, com isso, que a língua mantém uma constante no que se refere à diversidade nas produções quer individual, quer coletiva, isto é, as suas transformações são frequentes e inevitáveis, portanto, não se pode considerá-la estática.

3. Você sabia que do ponto de vista do contexto da comunicação a frase “eu sabo” está correta?

Nesta questão inicialmente 91,6% marcaram que não e 8,4% marcou sim, pois, como já esperado, entendem que a frase não está estruturada sintaticamente de acordo com a gramática normativa. No segundo momento, 33,3% marcaram que não e 58,3% marcaram sim e apenas 8,4% não marcou nenhuma das opções. Supõe-se então que houve um considerável entendimento por parte do grupo que pode haver comunicação se for considerado o contexto da comunicação, pois *“há situações em que tanto fatores internos como externos atuam na seleção de uma variante em vez de outra”* (MONTEIRO, 2000, p. 68).

Para a linguística, o seu estudo não se volta apenas para a estrutural das línguas, mas principalmente como elas são organizadas de maneira que possibilitam o ato comunicacional, considerando fatores internos e externos aos indivíduos, pois reconhece a diversidade linguística humana e o seu uso, quer na fala ou na escrita, não pode ter atribuição de valor ou preconceito, se há uma efetiva comunicação.

4. Para você, língua portuguesa é difícil?

Esta questão a princípio foi respondida que sim por 75% e que não por 25% dos demais. Na fase final, 58,33% responderam que não e 41,67% responderam sim. Levando-se em conta que o grupo pesquisado passou por um ensino escolar arraigado na concepção tradicional e equivocada de que aprender língua portuguesa na escola quando na realidade lhes foi ensinado gramática normativa, consideram-se as respostas prestadas como satisfatórias, em consonância com a afirmativa de que “*no dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem*” (BAGNO, 1999, p. 35). Pois mesmo considerando uma orientação de aprendizado da norma padrão culta ser importante para o desenvolvimento sociocultural da sociedade, a linguística não o valida como formas de expressão corretas ou erradas, mas adequadas ao contexto de uso, visto ser a heterogeneidade linguística implícita a realidade dos indivíduos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das necessárias adaptações da linguagem para que os indivíduos compreendessem as mensagens bíblicas que lhes eram dirigidas e assim ocorrer eficácia em seus objetivos, em toda a existência da religião protestante houve a preocupação, por parte dos pregadores da palavra, em se expressarem da forma mais simples o possível; eloquência e retórica são rejeitadas por serem consideradas como meio de desvio de atenção do conteúdo da mensagem para o pregador.

Os reformadores procuravam pregar com simplicidade e clareza, contudo, sem se apresentarem de modo confuso ou demonstrando falta de conhecimento, mas “com o objetivo de ensinar e não adornar as suas mensagens”.

Observa-se, então que a adequação linguística para o segmento religioso protestante em toda a sua história foi considerada primordial, no entanto, o pensamento dos reformadores ainda subexistem nos tempos atuais, mostrando, assim, que os pregadores ainda fazem uso de uma variação adequada para o seu contexto.

Como afirma (TARALLO, 1990, p.63) “*nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim implica sempre variação. Mudança é variação!*”.

Corroborando com este teórico, de fato, o que ocorre nas pregações são variações devido às mudanças linguísticas que sofreram alterações em seus contextos para que pudessem ser a mensagem compreendida pelos expectadores, e, mesmo que o pregador faça uso de termos teológico-bíblicos, normalmente é de conhecimento dos ouvintes ou quando uma palavra diferente precisa ser empregada, ele se preocupa em explicar o seu sentido, dando, ainda, exemplos práticos do cotidiano dos indivíduos.

A partir destas argumentações, fica claro que em todo momento e em cada situação, a linguagem tornar-se-á heterogênea, diversificada, segundo a necessidade de seus falantes. Portanto, independente de qual seja o grupo social, toda expressão oral dos falantes será considerada não como um erro, mas a sua forma particular de compreender e fazer-se compreender, tornando o ato de comunicação eficaz.

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à pregação reformada**: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação. Pará: Knox Publicações, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BAGNO, Marcos. **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990. Série Princípios.